

Para os seguidores, é a hora de Quércia

MOURA REIS

Os defensores da candidatura do governador Orestes Quércia à Presidência da República estão jogando tudo na reunião de quarta-feira, em Brasília, quando os 13 integrantes da executiva nacional, os 20 governadores e os 27 presidentes de diretórios regionais deverão escolher o "nome de consenso" dos "progressistas" para enfrentar o moderado Iris Rezende na convenção do dia 30.

Acreditam que a reunião, uma espécie de primeiro teste para escalção do ator principal do capítulo PMDB na novela **Successão Presidencial**, em cartaz com quase trinta anos de atraso, colocará no palco, sob refletores, todos os atuais pretendentes, mas chegará à conclusão de que **Orestes Quércia é quem melhor se adapta ao papel e tem possibilidades de alcançar maiores índices de audiência.** O governador certamente viverá um momento da verdade e será forçado a provar se, como bom jogador de truço — o popular jogo de baralho do Interior de São Paulo — escondeu um imbatível **zape** ou foi sincero nas reiteradas afirmações de que não participaria da atual rodada, seja por falta de cartas competitivas, respeito aos jogadores que se sentaram primeiro à mesa ou interesse em jogar a próxima, para ele mais interessante e menos arriscada.

Os defensores do governador insistem no apoio entusiasmado das bases do partido como principal argumento para levar a cúpula a "exigir" a candidatura, condição imposta por

Quércia para aceitar a disputa. Comprovar este argumento com os resultados de pesquisa realizada na convenção estadual, em fevereiro: 92% dos convencionais escolheram Quércia o candidato ideal.

Assessores do governador, inclusive secretários de Estado, não vêm grandes riscos na candidatura do governador, mesmo considerando a hipótese, para eles "remota", de derrota nas eleições. Ao contrário do entendimento geral, Quércia não estaria desistindo de dois anos de mandato, mas apenas de um. Na conta desses assessores, o governador jamais pretendeu cumprir os quatro anos, preferindo se licenciar em 1990 para concorrer à Câmara Federal ou ao Senado. Ao deixar o governo no próximo mês ele estaria "apenas antecipando" em um ano a saída do Palácio dos Bandeirantes, sem correr o risco de ficar muito tempo no limbo político. A campanha presidencial o manterá em evidência até dezembro, considerando-se a disputa no segundo turno. Mesmo perdendo, voltaria à cena em maio, candidato ao Congresso. Na opinião desses assessores, a dificuldade maior à candidatura Quércia se chama Waldir Pires. Caso insista, independente do resultado da reunião de quarta-feira, em se apresentar à convenção Waldir terá o apoio de um peso pesado do partido, Miguel Arraes, que arrastará pelo menos dois outros governadores, Max Mauro, do Espírito Santo, e Carlos Bezerra de Mato Grosso. E, sobretudo, impedirá o consenso dos "progressistas"